

A comunicação, a antropologia e a arte já informaram, há tempos, que a cultura e as práticas artísticas sempre são plurais. É com esta afirmação que abrimos o tema deste número da revista Arte 21. Compreender a arte e a cultura brasileira pode parecer fácil, mas não é. Algumas questões se colocam, e início, tais como: Como a arte brasileira tem criado sentidos visuais, plásticos, verbais e socializa-os? Quais as condições sociais, políticas e culturais que nos permite pensar a arte produzida no país? Em que medida a cultura produz e comunica outras novas e permanentes formas de linguagens e estéticas? Essas são algumas questões que perpassam os textos apresentados neste número. A dificuldade em oferecer respostas sobre uma identidade da arte e da cultura brasileira seja definindo-as seja encontrando singularidades próprias marcam todos os textos aqui apresentados. O que vemos emergir, isso sim, é uma pluralidade de registros culturais, visuais e artísticos sobre a contemporaneidade brasileira.

Pra começo de leitura, arquitetura, música e festa popular ilustram nosso tema. O artigo “Eduardo Kneese de Mello e as contradições da Modernidade paulista” apresenta a trajetória profissional do arquiteto Eduardo Kneese de Mello e analisa seu projetos arquitetônicos em São Paulo. A questão da identidade brasileira aparece no texto “Música brasileira e identidade nacional”, destacando a MPB como espaço de interlocução cultural do brasileiro. No mesmo sentido, uma das mais tradicionais homenagens ao Espírito Santo, lê-se em “A cultura brasileira em festa – as homenagens ao Divino Espírito Santo” que etnografa e interpreta o componente cultural da brasilidade que emerge na produção simbólica desta comemoração.

Se a cultura brasileira, interpretada e vivida, vista e produzida, sentida e discutida, numa pluralidade, simbólica e icônica, de imagens, palavras, sons, gestos, etc, é traduzida num permanente movimento de construção de sentidos, outros formatos, tradicionais e modernos, também se somam à criatividade, à inovação e mesmo à nossa brasilidade. No universo narrativo, o artigo “Entre a cultura e a literatura: a temática do ser e a tradição literária em poemas de Emílio Moura e Carlos Drummond de Andrade” aborda a poesia de dois ícones da literatura modernista brasileira. Os signos audiovisuais e sua ancoragem no cinema nacional são descritos em “Os Dez Mandamentos entre o Cinema e a TV” que analisa sobre os caminhos da produção audiovisual brasileira. Como representar o outro, poderia também ser o nome do artigo “As Representações Chilenas Na Bienal De São Paulo: Uma Perspectiva De Intercâmbio Da Arte Latino-americana No Brasil” e as seis primeiras Bienais de São Paulo (1951-1961). Finalmente, o texto “Perspectivas, dilemas e desafios da comunicação intercultural” encerra a seção artigos indagando o lugar da cultura como cimento das sociedades e organizações.

Pintura, desenho, gravura e literatura infantil ampliam os questionamentos sobre a arte no Brasil. O texto a “Pintura contemporânea brasileira, da tradição ao experimentalismo” mostra como a pintura carrega em seus ombros o pesado fardo da história, explorando o que o artista chama de a novíssima pintura brasileira. Já

no texto “Desenho contemporâneo brasileiro?!” ficamos com a proposta de refletir sobre o desenho em uma outra chave de entendimento que passa, como diz a artista, pelo plural, o desvio, o erro, o apagamento, os atravessamentos e as fusões de imagens. “Gravura e Devir” aborda a gravura brasileira produzida a partir dos anos 80 e sua dimensão gráfica peculiar, para além do próprio caráter nacional e nem sempre dentro do “âmbito intimista dos ateliês”. Sendo a arte um caminho para reescrita da história, a pensata sobre o livro *Brazilian Art under Dictatorship* apresenta a produção dos artistas brasileiros durante a ditadura militar no Brasil. Refletindo sobre o perfil dos livros infanto-juvenis brasileiros e o público adolescente, “Literatura Infantil e Juvenil brasileira: desafios e oportunidades no mercado externo” enfrenta como a questão cultural, o mercado, os autores e o público formam um complexo sistema de publicação literária brasileira no exterior.

E tem mais Brasil. As seções resenha, ensaio e palavra estrangeira lançam novidades. A resenha do livro *Brasil: uma biografia* (Ed. Cia. das Letras, 2015) destaca o aspecto biográfico da personagem “Brasil” bem como os temas da vida cotidiana dos brasileiros como a cidadania, os direitos e a justiça social. Já na seção ensaio, Arte 21 escolhe música e artes visuais. No primeiro caso, indaga: como a cultura pode ser usada como ferramenta de política externa? Com isso, o ensaio “Bossa-nova e poder brando: essa gente bronzada mostrou o seu valor” investiga esta questão, a partir da música brasileira. O ensaio “A crise do suporte na arte contemporânea — reverberações na obra de Lygia Clark e Hélio Oiticica” a questão da desmaterialização da obra como produto estético, segundo o autor, mostrou-se na produção dos artistas brasileiros que valeram-se de expedientes criativos, que aboliram os estilos até então dominantes na arte brasileira. Em Palavra estrangeira o texto “Quase uma década...A arte brasileira na Espanha. Algumas aproximações” mostra como o Brasil, impulsionado pelo crescimento econômico, expandiu internacionalmente a sua arte, a partir de uma nova mestiçagem que apareceu da tensão entre o local e o global.

Octávio Paz ao comentar Duchamp lembra que o artista nunca tem plena consciência de sua obra: entre as suas intenções e a sua realização, entre o que quer dizer e o que a obra diz, há uma diferença. Essa diferença é realmente a obra. A dificuldade que paira sobre a identidade das práticas culturais brasileiras apenas indica o campo movediço das relações sociais, comunicacionais e estéticas. Este é o grande desafio deste número. Boa leitura!

Prof. Dr. José Ronaldo A. Mathias
Editor